

IGREJAS PARTICULARES PARA O SÉCULO XXI

Há poucos dias, por ocasião do início deste novo ano de 1998, trocamos entre nós, como é tradicional e louvável, votos de Feliz Ano Novo que são sempre a expressão da esperança num mundo mais humano e fraterno que nos habita. E fazemo-lo com tanta naturalidade e espontaneidade porque, não obstante as tremendas dificuldades por que está a passar o nosso mundo, o ser humano não deixa de ver ou de entrever que é possível construir um mundo onde todos possam ter lugar, voz e sentido.

Um mundo diverso daquele que vivemos o ano transacto. Um mundo, não absolutamente isento, é certo, de todo o mal e sofrimento porque o conflito entre o bem e o mal está instalado no interior de cada um de nós ou, em linguagem cristã, porque somos simultaneamente “santos e pecadores”; mas, um mundo onde o escândalo da desumanização, da injustiça, do desespero dos sem esperança seja denunciado, eliminado e substituído pelo calor da solidariedade, pela reconquista da dignidade, pela serenidade dinâmica da Paz, pelo conforto prestado a todas as vítimas de catástrofes naturais e pelo Amor, vínculo último de comunhão do Povo de Deus, a Igreja, “sacramento, isto é, sinal e meio da unidade de todo o género humano” (L.G.).

Ao trocarmos estes votos de Feliz Ano Novo, no fundo, queremos exprimir a certeza de que somos feitos para a felicidade, para a plenitude do ser, para a “vida em abundância” de que fala Jesus Cristo, mesmo que essa aspiração, constitutiva do ser humano, tenha de passar pela luta contra tudo o que, individual e colectivamente, desfigura a imagem de Deus impressa em cada pessoa e tenha de passar igualmente pelo esforçado trabalho do discernimento dos valores éticos e da voz do Espírito no seu permanente murmúrio de vida no coração de cada homem e no seio das Igrejas.

Uma aspiração para a felicidade que é busca, tantas vezes tortuosa, de Absoluto mas que em Jesus Cristo encontra o caminho, a verdade e a vida. Encontro entre o homem e Deus e encontro de Deus com o homem em e por Jesus Cristo. Mistério de Aliança e de Comunhão. Mistério de humanização pela divinização na comunicação do amor de Deus aos homens o qual, “de tal maneira amou o mundo, que nos enviou o seu próprio Filho não para o condenar mas, sim, para o salvar,” libertando-o das falsas felicidades e propondo-lhe os caminhos da felicidade apontados no sermão da montanha.

Enfim, ao trocarmos votos de um Ano Novo melhor do que o velho, um Ano Feliz, exprimimos também que essa felicidade está nas nossas mãos e, por isso depende da nossa responsabilidade, isto é da nossa disponibilidade, disposição e empenho para responder às aspirações genuínas de humanização tão ofuscadas pelo néo-liberalismo imperante e responder aos grandes desafios que o complexo momento histórico nos dirige. Se “da Justiça de cada um, nasce a Paz para todos”, como proclamava a mensagem papal do Primeiro de Janeiro deste ano, então é-nos exigido lucidez para ver as injustiças que causamos ou com as quais somos coniventes, coragem para mudar e disposição para assumir as tarefas, pessoais e comunitárias, indispensáveis para construir a paz. Se a globalização da economia se tornou um dado incontornável do nosso tempo, ela só será promotora e não destruidora de desenvolvimento humano, como está a ser, se for acompanhada por uma

“globalização da solidariedade” que começa onde nos encontramos e vivemos, o que está muito longe de ser uma realidade.

Saudar um Novo Ano e exprimir votos de felicidades outra coisa não é senão proclamar a esperança contra todos os fatalismos e determinismos que sempre pairaram sobre a história, tentaram as religiões e as Igrejas, perverteram a política e não muito raramente conduziram à barbárie.

Proclamar a Esperança não é missão exclusiva dos cristãos. Imensa é a multidão dos homens e das mulheres de boa vontade que procuram manter viva a chama da dignidade humana e nas quais o Espírito Santo actua das mais variadas formas. Mas ser cristão, quer na Igreja universal quer nas Igrejas particulares ou Dioceses espalhadas pelo mundo, não se pode conceber sem a convicção e a alegria espiritual de que o amor é mais forte do que o ódio, a justiça mais humana do que a injustiça, a solidariedade mais dignificante e gratificante do que o egoísmo, a vida mais empolgante do que toda a espécie de mortes porque Jesus Cristo, no dom total da sua vida pelo bem da humanidade, venceu a morte.

É esta a nossa fé! É esta a nossa ~~esperança! E a missão da Igreja, universal ou particular,~~ outra não é senão a de ser sacramento, sinal e meio, ~~dessa fé e dessa esperança no meio do nosso~~ mundo. Por isso, a humanidade inteira tem o direito de nos perguntar, a nós cristãos, “qual é a esperança que está em nós” no meio de tantas desesperanças e nós “temos de estar sempre preparados para responder a todos os que nos interrogarem acerca da esperança que está em nós, mas com gentileza e respeito, tendo a consciência tranquila “(1Pedro 3,15-16), no diálogo e no serviço dos irmãos.

Ora, celebrar um **DIA DA DIOCESE** é, antes de mais, a meu ver, celebrar esta Esperança que está em nós e nos reúne numa só família para além das fronteiras paroquiais, das fronteiras

territoriais de ilhas ou de continentes, das fronteiras culturais e das fronteiras de usos e costumes sócio-religiosos.

Celebrar um DIA DA DIOCESE é favorecer o desenvolvimento da consciência de que a Igreja é uma realidade inserida no mundo concreto onde vivemos cuja missão é ser sinal, por palavras, atitudes e actos, da esperança que nos anima e que nos vem de Jesus Cristo e nos impele a empenharmo-nos, no lugar e no tempo em que vivemos, pela construção do Reino de Deus que é um Reino de Paz, de Justiça e de Amor.

Celebrar um DIA DA DIOCESE é certamente uma forma concreta de, neste virar de milénio, identificar os apelos que nos vêm do mundo e da Palavra de Deus para anunciar uma Boa Nova ao nosso mundo, especialmente aos pobres e injustiçados.

Numa época de comunicação mas onde as pessoas comunicam cada vez menos entre si, num tempo tão cheio de riquezas mas em que o número de pobres cresce assustadoramente - dos seis biliões que somos, cinco biliões são pobres - e num momento tão carregado de ameaças à coesão social nos países e entre países do Norte e do Sul, mas num tempo também carregado de sinais de esperança e num ano em que vamos comemorar o cinquentenário da **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIRREITOS DO HOMEM**, gostaria de partilhar convosco alguns dos desafios que se colocam às Igrejas particulares, ou sejam às Dioceses, às portas do século XXI.

Desafios, são sempre situações, acontecimentos, gritos e clamores e de dignidade humana que interpelam a consciência humana e cristã. Estão, neste caso, as situações de desumanização do nosso planeta a nível económico, social, político e ético.

Desafios, são essas mesmas realidades enquanto provocam, ²desafiam a responsabilidade humana a sair do seu comodismo para fazer qualquer coisa que faça mudar o inaceitável e o insuportável da condição humana.

Desafios, são sempre obstáculos, exteriores e interiores, que uma civilização deve ultrapassar na sua evolução.

Desafios, são convites gritantes da mais profunda consciência humana a não se submeter ao intolerável da iniquidade que reduz homens e mulheres à condição de sub-homens e de sub-mulheres.

Desafios, são, enfim e numa leitura cristã, os “sinais dos tempos” de que fala o Concílio, isto é, os acontecimentos da história humana enquanto voz de Deus ou segredar do Espírito Santo que é Espírito que dá a Vida.

Nestes diversos sentidos, os desafios da história implicam sempre um apelo à mudança, um apelo a fazer passagens de uma margem para outra da maneira de ser e de estar no mundo.

Desejaria, por conseguinte, partilhar alguns dos desafios mais prementes, feitos às Igrejas particulares, sob a forma de passagens a realizar e a viver. São elas em número de cinco.

1. Passagem do tribalismo religioso à Igreja-Povo de Deus-mistério de comunhão.

A Igreja, Povo de Deus, recebe a sua unidade da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (S.Cipriano). “A Igreja, no dizer de Paulo VI, quer dizer comunhão dos santos. E comunhão dos santos significa um dupla participação vital: a incorporação dos cristãos na vida de Cristo e a

circulação da mesma caridade em toda a comunidade dos fiéis, neste mundo e no outro. União a Cristo e em Cristo; e união entre os cristãos na Igreja”.

A Igreja é Povo de Deus, comunhão de santos e de pecadores a caminho da construção do Reino de Deus entre os homens. Na verdade, como afirma o Concílio Vaticano II, “aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer relação entre eles, mas constituindo-os em povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente” (L.G.9).

“A Igreja particular (ou Diocese) não é o fruto duma fragmentação da Igreja universal tal como a Igreja universal não é a simples soma das Igrejas particulares. O que as une entre elas é, ao contrário, um laço vivo, essencial e permanente, enquanto a Igreja universal existe e se manifesta nas Igrejas particulares. E é por isso que o concílio afirma que as Igrejas particulares são formadas à imagem da Igreja universal, é nelas e a partir delas que existe a igreja Católica, una e única” (CFL, 25).

Porção do Povo de Deus, situada em determinado território, a Diocese constitui a Igreja particular, onde verdadeiramente se encontra e actua a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica (CD, 11; LG, 23; CIC 368 e 369).

A consciência desta universalidade na Igreja particular ou a consciência desta localidade como expressão e fonte da Igreja universal implica sérios desafios à consciência dos cristãos. Ela implica, concretamente, que se passe de um certo tribalismo religioso para a consciência universal de se pertencer ao grande movimento histórico iniciado por Jesus Cristo e permanentemente renovado pelo seu Espírito; uma passagem da paróquia enquanto doença infantil da Cristandade, para uma concepção e uma dinâmica de paróquia enquanto célula comunitária integrada num conjunto mais

vasto de ouvidoria, ilha e Diocese e aberta ao vasto mundo da realidade humana e da realidade eclesial, diocesana e universal.

Neste sentido, há que promover o desenclavamento das paróquias, favorecer ao máximo a saída de uma certa ghetização, acautelar a sua originalidade, desenvolver a consciência de pertença a uma realidade fundamental da Igreja que é a Diocese e procurar as formas mais adaptadas de participação a nível de ouvidorias, ilhas e Diocese em resposta às exigências de evangelização.

Passar de um certo tribalismo religioso para a consciência de pertença a um Povo, o Povo de Deus, e ultrapassar as fronteiras paroquiais não quer, no entanto, dizer que se tenha de renunciar àquilo que é próprio e específico das comunidades. Na verdade, “a Igreja, ou seja o Povo de Deus, ao implantar o Reino de Deus, não subtrai coisa alguma ao bem temporal de nenhum povo, mas, pelo contrário, fomenta e assume as qualidades, as riquezas, os costumes e o modo de ser dos povos, na medida em que são bons; e assumindo-os, purifica-os, fortalece-os e eleva-os” (LG. 13). A universalidade e a diocesaneidade não se confundem com uniformidade, mas exigem inculturação e diversidade em vista do bem comum da Boa Nova.

Entrar por este caminho da Igreja, mistério de comunhão, renunciamos a ver nela uma empresa de serviços religiosos para a acolher como dom de Deus feito à humanidade; e, deste modo, renunciamos igualmente a entrar no caminho dos particularismos e de autonomias ambíguas que conduzem a comportamentos característicos das seitas.

2. *Passar do consumo religioso e do espírito de conquista para a Missão e para o serviço.*

Os desafios que enfrenta a Igreja neste final de milénio revelam que não nos podemos contentar com um Cristianismo sociológico reduzido à repetição de gestos herdados do passado e ao consumo de actos religiosos. Os novos tempos exigem uma estruturação pessoal da fé de tal modo que cada cristão possa responder pessoalmente a duas questões decisivas para a fé: em primeiro lugar, à questão de Jesus Cristo: "para vocês, quem sou eu?"; e, em segundo lugar, à questão da história da salvação: "que fizeste e fazes do teu irmão?"

"Ao novo Povo de Deus, diz o Concílio, todos os homens são chamados ... e encontra-se entre todos os povos da terra" (LG:13). No entanto, os católicos representam apenas 19 % da população mundial.

Perante este quadro, a uma Igreja particular ou Diocese são exigidas principalmente três coisas:

- fomentar a estruturação ou a personalização da fé em Jesus Cristo;

- renunciar ao espírito de conquista e aprender a entrar em diálogo com o mundo pluralista do nosso tempo a fim de propor e não impor a fé através do diálogo e do testemunho de serviço do homem. E, neste sentido, torna-se urgentíssimo que os cristãos descubram o seu lugar e o seu papel no mundo da economia, da cultura, da política e da ética. Não para conquistar ou recuperar triunfalismos de outras épocas mas tão somente para traduzir a caridade em justiça pela transformação das estruturas iníquas que levam a que cinco biliões de seres humanos num conjunto de seis biliões sejam pobres; que 250 milhões de crianças sejam obrigadas a trabalhar como adultos; que continuem a aumentar o desemprego, a mendicidade, as sopas populares, a violência e a exclusão social;

- descobrir os sinais do Espírito. sinais de esperança, neste nosso mundo venham de onde vierem. Como dizem os Bispos portugueses no documento "O Espírito Santo, Senhor que dá a vida" a propósito deste ano dedicado ao Espírito Santo: "Uma vez que todo o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, a luz do Verbo 'ilumina todo o homem' (Jo 1,9) e a acção do Espírito do Senhor estende-se para lá dos limites visíveis da Igreja. Age na intimidade de cada pessoa e leva-a a descobrir e a reconhecer a dignidade da natureza humana, a grandeza da inteligência, o valor da consciência, a excelência da liberdade; numa palavra, a abrir-se para Deus seu Criador e a sua marca na própria natureza.

O Espírito, 'que dá vida e renova a face da terra', - continuam os bispos - entra, assim, constantemente na história do mundo através do coração humano; suscita aspirações e realizações que encarnam valores humanos e, por isso, cristãos; valores que se apresentam como 'sinais' dos desígnios de Deus. que chama a humanidade a 'renovar-se em Cristo e a transformar-se em família de Deus'. Toda a expressão, todo o 'fragmento' de unidade, de libertação, de justiça, de plenitude de vida, toda a aspiração ao que é bom, ao que leva à paz, tudo o que se ordena a 'tornar mais humana a família dos homens e a sua história' são 'sinais' do Espírito do senhor que 'enche o universo', sinais que importa *discernir, interpretar e acolher*" (cfr. GS 11;40; AG 4).

Não obstante o horror económico dos nossos tempos e outros horrores que por esse mundo vagueiam, o nosso mundo não está abandonado por Deus. É o seu campo semeado de Palavra e de Espírito de Vida. A nós, às Igrejas, compete descobrir essas sementes do Verbo de Vida, acolhê-las, alimentá-las e favorecer o seu crescimento.

3. Passar da passividade à participação

“Ao que a todos diz respeito, por todos deve ser decidido”.

Este velho, mas sempre novo princípio dos primórdios da Igreja, é mais do que nunca necessário. Os mecanismos que têm conduzido ao seu esquecimento são bem conhecidos: o clericalismo, o centralismo e a passividade dos leigos.

Vivemos num tempo em que, dada a sua complexidade, tornou-se grande a tentação de delegar, não por eleição mas por demissão, nos peritos e doutrinários a decisão dos destinos colectivos. A Igreja não está isenta desta tentação e de nela cair. Mas, para exorcizar tal tentação, seria bom não esquecer o episódio de Herodes que, em resposta à questão dos Magos acerca do lugar do nascimento do Rei dos Judeus, consultou não o povo dos pobres e dos crentes mas os seus peritos em leis e Escrituras, os quais não acreditavam necessariamente na chegada do Messias; e não esquecer também que, após o encontro com o Menino, os Magos foram bem avisados para não voltarem pelo mesmo caminho de Herodes e seus peritos. Há certamente lições a tirar deste episódio em função do equilíbrio a construir entre peritos e uma comunidade participativa.

Uma releitura, contextualizada e não fundamentalista dos Actos dos Apóstolos, poderá ajudar as Igrejas particulares ou Dioceses a encontrar aí inspiração para desenvolver nas comunidades o espírito de participação. Entre as fontes de inspiração dos Actos dos apóstolos, gostaria de sublinhar o lugar da Palavra de Deus porque a criação de grupos de partilha do Evangelho parece-me constituir uma grande prioridade para os nossos tempos e que se têm vindo a desenvolver em todas as latitudes com grande alegria para os pobres. *Quando a Igreja decide colocar o Evangelho nas mãos dos pobres, ela converte-se, sente-se enviada e passa a servir mais o homem.*

Na actual dinâmica de participação dos baptizados na missão da Igreja toma especial relevo a criação e a dinamização dos Conselhos Pastorais, paroquiais, inter-paroquiais e diocesanos. Conselhos, evidentemente, pastorais e não Conselhos de administração, ainda que os aspectos administrativos não deixem de ter a sua importância. Conselhos capazes de lerem a realidade histórica do meio, de ouvirem os apelos do Espírito e de agirem na direcção em que O Espírito sopra.

4. Passar da repetição à formação

“Dar conta da esperança que está em nós” exige formação. Como diz a exortação apostólica *Christifideles laici*, trata-se duma formação espiritual, doutrinal e, dum modo especial para os leigos, a formação na Doutrina social da Igreja, acrescentando: “para que os leigos possam realizar activamente este nobre projecto na vida política (isto é, o projecto de fazer reconhecer e apreciar os valores humanos e cristãos), não basta exortá-los; é necessário oferecer-lhes os meios necessários para formar a sua consciência social, especialmente na doutrina social da Igreja, a qual encerra princípios de reflexão, critérios de discernimento e directivas para a acção” (N.º 60).

Noutro lugar, a mesma exortação afirma: “a formação não é o privilégio de alguns, mas sim um direito e um dever de todos. (Por isso, deve ser dada) a possibilidade a todos, sobretudo aos pobres, que, por sua vez, podem ser fontes de formação para todos; que se empreguem meios adaptados que possam ajudar os cristãos a melhor realizarem a sua plena vocação humana e cristã.

Para se realizar uma pastoral verdadeiramente eficaz - continua a exortação - é necessário promover, através inclusivamente de cursos e escolas especializadas, a formação *de formadores*.

Formar aqueles que deverão trabalhar na formação de leigos constitui uma exigência prioritária para assumir a formação geral e capilar de todo o Povo de Deus, de todos os leigos" (N.º63).

Vasto campo de acção para uma Igreja particular. Campo difícil e exigente no meio de um ambiente de *cultura da facilidade* e da superficialidade, mas campo indispensável para que a Igreja possa *ser sinal* de Boa Nova e ultrapassar a tentação de se contentar, numa civilização de imagens, em apenas ter uma boa imagem nos media. Cabeça e modelo da Igreja, Jesus Cristo não se manifestou aos Magos vindos de longe e às multidões de perto através de *marketings* nem de *spots* publicitários, *mas pela solidariedade com todos os homens e pela sua entrega total no anúncio de Boa Nova do Reino.*

5. Passar da tristeza à alegria no Espírito Santo que é Espírito de alegria.

Denunciar com toda a coragem as injustiças que avassalam o nosso mundo não basta. Ficar-se pela denúncia seria fazer o papel de profetas da desgraça.

À denúncia torna-se necessário acrescentar o anúncio da Novidade de Jesus Cristo. O anúncio da vitória da Cruz sobre a morte, ~~sobre o egoísmo e sobre todas as espécies de mortes~~ que desfiguram o rosto divino do homem. É que Jesus Cristo ~~já venceu o mal~~ e a morte, embora seja uma vitória *ainda não* completamente manifestada na nossa história. E esse completar-se está nas nossas mãos. É esta a nossa esperança. É esta a nossa responsabilidade de cristãos nas Igrejas particulares.

Não se trata de nenhuma alegria alienante. O Espírito Santo não é um espírito de levitação ou de fuga da vida. Nas Escrituras, o Espírito Santo é sempre o Espírito Divino que sobrevoa o caos, desce nele para o criar e recriar, dar-lhe ordem, desce sobre Cristo e sobre os Apóstolos, cria a Igreja do meio da massa humana e continua a animá-la no meio das tempestades. O nosso mundo

continua a ser amado por Deus e de tal maneira que nos dá incessantemente o Seu Filho, Luz para iluminar as nossas trevas. Só depende de nós optar por essa Luz ou escolher as trevas. O nosso mundo continua a ser o campo de Deus, a vinha por ele plantada.

É desta contemplação do amor de Deus pelo mundo que nasce a nossa esperança, a nossa alegria, a poesia de Deus. O encanto de Deus a contemplar a sua obra e a dizer: “como tudo isto é bom e bonito!”. E é com muita razão, profundidade e simplicidade que os poetas dizem, como o poeta açoriano Emanuel Félix, *“um mundo sem poesia é um mundo sem futuro. E se é preciso começar a fazer alguma coisa, comecemos nós também aqui e agora”* (SAC, n.º 65, 30.12.1997). Ou, como Miguel Torga: *“ Deus é pura poesia / E o poema uma humilde petição/ No templo sacrossanto da eternidade”* (Diário XVI, pag 120).

Poema de Deus, o mundo está nas nossas mãos. Não o tornemos prosaico.

Numa Igreja particular, como a dos Açores, que tem o privilégio de ter como devoção mais popular a devoção ao Espírito Santo, Espírito de alegria e de esperança, Deus continuará a inspirar os seus mais belos poemas de fraternidade em carne e osso, se os que aqui vivem se deixarem atrair pelos vastos horizontes da humanidade e emprestarem ao Espírito Santo as suas vidas para continuar a escrever o hino da Paz, da solidariedade e da esperança. São estes os meus votos neste Dia Diocesano de 1998.

Janeiro 1998

Manuel Pimentel